



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**JOÃO CLÍMACO XIMENES NETO**

**UTILIZAÇÃO DA INTERNET COMO RECURSO DIDÁTICO NAS AULAS  
DE GEOGRAFIA NO COLÉGIO ALICE COUTINHO, CAMPINA GRANDE, PB**

CAMPINA GRANDE – PB  
2011

**JOÃO CLÍMACO XIMENES NETO**

**UTILIZAÇÃO DA INTERNET COMO RECURSO DIDÁTICO NAS AULAS  
DE GEOGRAFIA NO COLÉGIO ALICE COUTINHO, CAMPINA GRANDE, PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Geografia, sob a orientação da professora Dra. Jossandra Araújo Barreto de Melo

CAMPINA GRANDE – PB  
2011

X4u

Ximenes Neto, João Clímaco.

Utilização da internet como recurso didático nas aulas de geografia no colégio Alice Coutinho, Campina Grande, PB. [manuscrito]: / João Clímaco Ximenes Neto. – 2011.

**17 f.**

**Digitado.**

**Trabalho de Conclusão de Curso  
(Graduação em Geografia) –  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro  
de Educação, 2011.**

“Orientação: Prof. Dr. Jossandra Araujo Barreto de Melo, Departamento de Geografia”.

1. Tecnologias - Suporte na Educação 2. Internet 3. Método de Ensino I. Título.

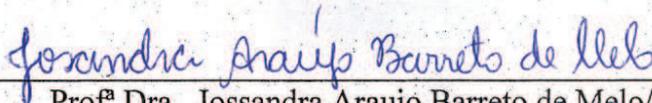
21. ed. CDD 371.33

JOÃO CLÍMACO XIMENES NETO

**UTILIZAÇÃO DA INTERNET COMO RECURSO DIDÁTICO NAS  
AULAS DE GEOGRAFIA NO COLÉGIO ALICE COUTINHO,  
CAMPINA GRANDE, PB**

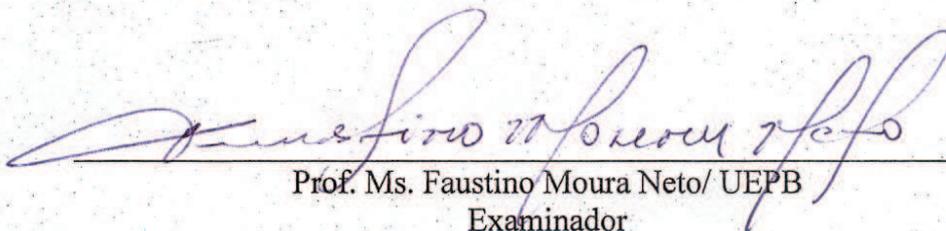
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Graduação em Geografia da Universidade  
Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência  
para obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Aprovado em 02/12/2011.



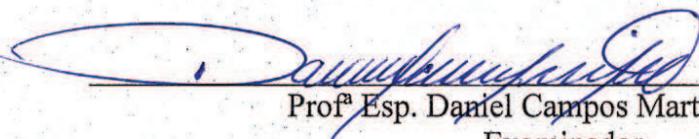
---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Jossandra Araujo Barreto de Melo/ UEPB  
Orientadora



---

Prof. Ms. Faustino Moura Neto/ UEPB  
Examinador



---

Prof.<sup>a</sup> Esp. Daniel Campos Martins/ UEPB  
Examinador

# UTILIZAÇÃO DA INTERNET COMO RECURSO DIDÁTICO NAS AULAS DE GEOGRAFIA NO COLÉGIO ALICE COUTINHO, CAMPINA GRANDE, PB.

NETO, João Clímaco Ximenes.

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir algumas possibilidades de uso da internet como recurso didático nas aulas de Geografia do ensino médio. Para tanto, realizamos uma pesquisa no Colégio Alice Coutinho, em Campina Grande-PB, onde também foram aplicadas entrevistas com os professores envolvidos na análise, bem como investigado o interesse dos alunos quanto ao uso das novas tecnologias durante as aulas. Concluímos, dessa maneira, que a internet ainda é um recurso pouco utilizado pelo professor de Geografia do referido colégio, mas que apresenta inúmeras opções de pesquisa e aprendizagem que podem tornar as aulas mais prazerosas e significativas. Utilizamos como aporte teórico os referenciais de CALLAI (2001), CLAVAL (2010), KENSKI (1996), LIBÂNEO (2008), LIGOURI (1997), SANTOS (2008), VESENTINI (2004) E VESENTINI (1989). Tal estudo se justifica por entendermos que a Geografia necessita ser trabalhada de maneira mais dinâmica e atrativa e, sendo assim, apresentando perspectivas que possam nortear o bom ensino da geografia.

**Palavras-chave:** Geografia; ensino; internet.

## 1. INTRODUÇÃO

Com o aprofundamento da Revolução técnico-científica-informacional e o advento de sua principal face- representada pela internet- (e o processo de formação de redes informacionais pelo mundo), sua difusão nas escolas, nos lares e em espaços públicos e privados, há em evidência um processo de discussão sobre as contribuições que ela tem a oferecer ao ensino de Geografia para superar as aulas tradicionais e acríticas (que pouco ou nada refletem as mudanças e as contradições do mundo atual).

É imprescindível ao geógrafo e ao ensino da Geografia o conhecimento e a utilização de recursos informacionais no processo de ensino e aprendizagem. Não basta apenas ensinar de forma tradicional temas como: categorias espaciais, cartografia, hidrografia, relevo, clima, dentre outros, em que se analisa o espaço geográfico, sua formação e transformação, os mapas, as curvas de nível, a configuração e as características do relevo, dos rios e do clima; é necessário gerar no aluno a possibilidade de interação com o conhecimento por intermédio de “novos” mecanismos.

Através do uso dos computadores, da internet, de programas e de *sites* livres que se encontram disponibilizados na grande rede, a possibilidade de uso destes recursos torna a aula mais dinâmica e interativa, auxiliando na construção do conhecimento.

A interdependência gerada entre o conhecimento científico e virtual, que faz parte do cotidiano do aluno e a necessidade do uso e interação por parte do professor desses elementos, torna o processo de ensino e aprendizagem mais contextualizado, transformando-o num instrumento poderoso para a compreensão e o saber da Geografia.

A justificativa por investigar sobre o uso da Internet como recurso didático na Escola Alice Coutinho, deveu-se ao fato de que, como professores da instituição desde 2008, sentíamos, cada vez mais, dificuldades em trabalhar em sala de aula as novas tecnologias sem, no entanto, dispormos de recursos que amparassem o nosso fazer pedagógico. Não possuíamos uma sala de multimídia adequada, e, ao conversarmos com alguns colegas da disciplina, percebíamos o desinteresse e, até mesmo, um certo desconhecimento em conduzir uma aula pautada no manuseio das novas tecnologias, como o uso da internet, por exemplo.

A aplicação das novas tecnologias na sala de aula contribui para que o aluno aumente o interesse sobre os conteúdos de todas as disciplinas. No caso específico da Geografia, esses recursos digitais irão facilitar o entendimento sobre os conteúdos dessa disciplina, contribuindo para o processo de ensino-aprendizagem, permitindo dinamismo e poder de comunicação, como por exemplo, na cartografia, na climatologia e na hidrografia pode ser utilizado o *Excel*, um programa que constrói tabelas e gráficos e o *Google Earth*, que trabalha com mapas e localização.

Como se sabe, a tecnologia na escola não só deve garantir a presença dos recursos tecnológicos na sala de aula, mas sim, interagir nos processos de aprendizagem, promovendo um novo encantamento da escola e contribuindo para acontecer transformações qualitativas na prática pedagógica e provocar a vontade dos alunos a gostar da Geografia.

Através dessa perspectiva, o presente trabalho teve como objetivo analisar como o uso da internet nas aulas de Geografia do Ensino Médio no Colégio Alice Coutinho, localizado no Bairro Três Irmãs na Cidade de Campina Grande, Paraíba, podem tornar o estudo do espaço geográfico, sua estruturação, reestruturação e as relações sociais nele contidas mais atraentes e significativas para os alunos. Através do contato direto com essa ferramenta, utilizamo-nos dos recursos nela contidos, os quais auxiliam de forma direta na desconstrução do hoje “mito” do espaço e tempo.

Para tanto, realizou-se um estudo no referido colégio, que compreendeu os seguintes procedimentos metodológicos: na fase inicial, foi feito um levantamento bibliográfico sobre as aplicações do uso da informática e dos seus demais recursos nas aulas de Geografia (analisando livros didáticos, *sites* e *softwares* indicados pelos professores); num segundo momento observou-se a infraestrutura do laboratório de informática e, posteriormente, entrevistou-se os professores de Geografia do Ensino Médio, buscando saber o grau de comprometimento dos docentes em relação ao uso desses recursos em suas aulas. Por fim, indagou-se os alunos acerca do uso ou da ausência desse recurso, no que melhorou ou poderia melhorar segundo a perspectiva dos mesmos no contexto do processo de ensino-aprendizagem no colégio.

## **2. O PAPEL DA ESCOLA E DA GEOGRAFIA DIANTE DAS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS**

De acordo com Paul Claval, todo homem é geógrafo, partindo da possibilidade de estudo dos primeiros povos e sociedades que se organizaram utilizando, entre outros conhecimentos, a Etnobotânica e a Etnozoologia. Estas, compostas de elementos das categorias geográficas, como *espaço geográfico*, *lugar*, *paisagem e território*, embasavam seus conhecimentos que tinham uma relação vital para sua sobrevivência.

Nesse sentido, o estudioso propõe o estudo etnogeográfico dos povos e sociedades, que são abundantes graças às diversidades dos grupos, sua estruturação social e as redes construídas pelos mesmos. Com isso, o meio ambiente natural e social não devem ser vistos ou estruturados de forma dissociada, já que o conhecimento geográfico é composto por elementos sociais, culturais, históricos e naturais, que traduzem a realidade e vivência de cada um.

Dessa maneira, o ensino da Geografia, na atualidade, deve ser pautado na construção do conhecimento de um todo, contextualizado a partir das vivências do aluno, este enquanto sujeito pensante.

Sobre este pensamento, Callai (2001 p. 139) diz que:

A primeira questão a ser considerada diz respeito ao que se pretende com a escola e, no caso, com o ensino da Geografia. Reconhecendo o objeto da Geografia, o seu instrumental e os mecanismos metodológicos que poderá usar, o professor deverá propor o estudo que seja conseqüente para os alunos. E as experiências concretas deverão ter interligamento e coerência dentro do que é ensinado, pois o vivido pelo aluno é expresso no espaço

cotidiano, e a interligação deste com as demais instâncias é fundamental para a aprendizagem. “Se o espaço não é encarado como algo em que o homem (o aluno) está inserido, natureza que ele próprio ajuda a moldar, a verdade geográfica do indivíduo se perde e a Geografia torna-se alheia para ele” (RESENDE, 1986, p. 20).

O papel do geógrafo e da Geografia na atualidade é desafiador, pois desde meados da década de 1970 uma transição tem-se encontrado em andamento. Não apenas na esfera da Geografia e do seu interlocutor, mas também no seio da sociedade, que então tem adquirido *status* de sociedade informacional, fruto da Terceira Revolução Industrial e da globalização.

Com isso, a *neogeografia*, termo geográfico forjado em 1977 por François Dagognet, em outro contexto, mas que se aplica a esses conhecimentos e procedimentos digitalizados de compartilhamento (através do uso da internet), aponta para a evolução das relações de ensino e aprendizagem na atualidade. O desafio proposto se insere em várias direções, seja no contexto professor-aluno, no contexto professor-escola ou no contexto professor e estruturas tradicionais da Geografia.

Callai (2001 p. 134) realiza uma interessante abordagem acerca dessa problemática:

O mundo tem mudado rapidamente e com ele devem mudar também a escola e o ensino que nela se faz. Interessa discutir aqui o ensino de Geografia, que afora a sua especificidade como ciência é uma matéria presente em todo o currículo escolar da escola básica. Nesse sentido a geografia, entendida como uma ciência social, que estuda o espaço construído pelo homem, a partir das relações que estes mantêm entre si e com a natureza, quer dizer, as questões da sociedade, com uma “visão espacial”, é por excelência uma disciplina formativa, capaz de instrumentalizar o aluno para que exerça de fato a sua cidadania.

No atual mundo globalizado e interconectado, a dinâmica da construção dos saberes muda: o acesso a um sítio na internet é aberto a todos. Cada um pode, assim, participar dos debates que inflamam a sociedade: uma nova forma de “espaço público” nasce e com ela uma infinidade de informações, muitas vezes desconexas, imprecisas.

Nessa perspectiva, encontram-se as novas caracterizações da atual sociedade na qual se inserem os alunos, sujeitos a uma nova leitura com novas possibilidades de interpretação e informação. Como exemplo disso, Paul Claval (2010, p. 130) afirma que “Wikipédia serve tanto para propagar o erro quanto a verdade”.

Nessa esfera, cabe ao professor, mediador do conhecimento, atualizar-se, mediante as inovações tecnológicas, bem como informacionais, através de *sites* e *softwares*, para, então, direcionar o aluno ao conhecimento, utilizando ferramentas que

fazem parte dessa nova sociedade, composta por elementos materiais e imateriais (os fluxos informacionais).

Dessa maneira, Vesentini (2004, p. 220), afirma que:

Uma coisa é certa: o ensino tradicional da geografia- mnemônico e descritivo, alicerçado no esquema “a Terra e o homem”- não tem lugar na escola do século XXI. Ou a geografia muda radicalmente e mostra que pode contribuir para formar cidadãos ativos, para levar o educando a compreender o mundo em que vivemos, para ajudá-lo a entender as relações problemáticas entre sociedade e natureza e entre todas as escalas geográficas, ou ela vai acabar virando uma peça de museu.

O ensino da Geografia, na atualidade, passa por um processo re-estruturador, que se faz necessário graças às mudanças que vem ocorrendo na sociedade. A idéia que se tinha de uma Geografia apática, decorativa e tradicionalista, na qual se preocupava a Geografia em ensinar conteúdos estáticos, como relevo, paisagens, cartografia, entre outros, aos poucos, desde a década de 1970, vem perdendo espaço. Por uma necessidade de “reinventar” para não se tornar dogmática e tradicional, a Geografia abriu espaço, a partir dessa mesma década, para uma visão crítica da sociedade e suas relações.

Ao mesmo tempo em que surgia essa nova corrente geográfica- que vem se expandindo no Brasil desde a década de 1980- embasada nos pensamentos científicos surgidos nos Estados Unidos, na Espanha, França, Itália, Alemanha e Suíça e em muitos outros países. No Brasil, muitos professores de Geografia, em especial do Ensino Médio, já praticavam em suas aulas uma Geografia escolar diferente da tradicional, com novas estratégias (debates e/ou trabalhos dirigidos, em vez de apenas aulas expositivas, interpretação de textos críticos, etc.) e com novos conteúdos (distribuição social da renda, a pobreza no espaço, os sistemas socioeconômicos, o subdesenvolvimento, etc.).

Nesse contexto histórico da década de 1970, surgia para a humanidade a Revolução Técnico-científica-informacional, que aprofundava através de seus novos ramos, como a computação, a informática e a internet a relação tempo e espaço, bem como o conhecimento das coisas e dos lugares, que seria uma verdade vivenciada por “todos” a partir da década de 1990.

Todavia, esse processo descrito pelo professor Milton Santos como a formação de uma sociedade informacional, e de um meio técnico-científico, trouxe novos desafios à perspectiva educacional para todas as disciplinas, principalmente para a Geografia.

A ciência geográfica, na atualidade, faz uso da criticidade dos fatos e acontecimentos, tendo como contraponto a possibilidade de informações, não só por

parte do professor, mas também por parte do aluno. No entanto, mesmo com todo esse avanço e essas novas possibilidades, o ensino da Geografia ainda esbarra em situações como: a pouca experiência do professor com o manuseio desses novos mecanismos, a situação socioeconômica do aluno, a falta de criatividade e interatividade por parte do professor, as limitações físicas e tecnológicas dos espaços de formação do aluno (as escolas), bem como da limitação imposta pelos currículos “pré-fabricados” pelos livros didáticos, vestibulares e escolas.

Na atualidade, o “norte” referencial tomado pelo professor tem sempre a mesma direção- a aprovação do aluno. Essa realidade já vem sendo vivenciada em muitas escolas no Brasil a partir do nono ano do Ensino Fundamental, dando importância à competitividade e aprovação num vestibular futuro em detrimento de um conhecimento crítico que auxilia na formação da cidadania.

É nessa situação que se insere o atual profissional da geografia, cabendo a ele duas únicas opções: seguir o objetivo central da entidade na qual trabalha, que é a preparação para uma aprovação num vestibular, ou trilhar esse mesmo caminho, preocupando-se em inserir a visão e formação crítica do aluno para a construção da cidadania.

Callai (2001 p. 135) assim analisa essa problemática:

Sabe-se, e inúmeras pesquisas têm sido feitas a respeito, que o professor não tem tido condições objetivas de definir o que vai trabalhar e manter o controle da situação. Muito menores são as condições de envolver os alunos neste processo. As desculpas vão desde as condições de trabalho e de salários, que têm sido colocadas prioritariamente hoje, até a falta de embasamento teórico tanto da Geografia como da educação em geral, evidente pelas questões pedagógicas e de aprendizagem. Fica-se então, entre seguir um livro, de preferência com caderno do professor e sugestões de atividades, ou fazer uma lista de conteúdos a partir dos programas e provas do vestibular.

Dessa maneira, introduzir as novas tecnologias na sala de aula, a exemplo da Internet, se faz necessário para um aprofundamento e uma melhor contextualização de vários, senão todos, os eixos temáticos da Geografia, atraindo, assim, o aluno e levando-o a produzir em um universo que lhe é “peculiar”.

Na atual realidade brasileira, existe um avanço na acessibilidade, na qual o indivíduo dispõe não apenas de equipamentos domésticos, mas também de *smartphones* e, dependendo das condições sociais, do acesso em *lan houses*. É sabido que, em nosso país, mesmo o cidadão não possuindo um computador, muito menos o acesso à internet,

o número de emails, e adesões a sites de relacionamento tem crescido a cada ano. Prova disso é que os brasileiros encontram-se entre os indivíduos que mais acessam e passam tempo navegando na internet.

Dessa maneira, aproveitando-se dessa realidade, o professor de Geografia deve inserir a internet e seus recursos em suas aulas, tornando-as mais aprazíveis e interessantes e utilizando esse recurso como interlocutor dos temas a serem trabalhados.

Saber usar o computador é uma das “competências” básicas para a vida em uma sociedade globalizada, mesmo entendendo-se a pluralidade social e a heterogeneidade cultural dos povos. Segundo o professor Milton Santos, a ideia de aldeia global, cunhada em 1996 por Octavio Ianni, é uma fábula, já que as comunicações que se fazem na realidade se dão por intermédio de objetos, e a possibilidade de obtenção desses objetos encontra-se atrelada à realidade social e econômica das pessoas.

Desse modo, observando a realidade do aluno e da instituição onde se trabalha, busca-se soluções dinâmicas para estimular o processo de ensino-aprendizagem. Assim, o computador torna-se uma importante ferramenta para a composição do ensino da Geografia, que vem passando - juntamente com a introdução de novas tecnologias na sociedade e com a reestruturação dos valores sociais e suas relações nelas contidas - por modificações, nas quais o professor, que é o vetor/estimulador do conhecimento, tem a necessidade de se reciclar, seja no contexto tecnológico ou no contexto das transformações sociais.

### **3. SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR**

Partindo da necessidade de que a sociedade sofre um processo de modificação estrutural contínua e que os modelos de família e suas relações também, os avanços tecnológicos e psicológicos forcem a escola e o professor a repensar, cada vez mais, seu modelo organizacional, baseado em estruturas obsoletas. É preciso repensar se o modelo, que em geral é tido como tradicional é capaz de atender este sujeito dinâmico e impaciente que é fruto da sociedade atual. Concorde-se com Libâneo (1990, p. 23), quando diz que:

A pedagogia tradicional, em suas várias correntes, caracteriza as concepções de educação onde prepondera a ação de agentes externos na formação do aluno, o primando do objeto de conhecimento, a transmissão do saber constituído na tradição e nas grandes verdades acumuladas pela humanidade e uma concepção de ensino como

impressão de imagens propiciadas ora pela palavra do professor ora pela observação sensorial.

Assim, entende-se a real necessidade de um ambiente estruturado onde o professor tenha condições de exercer um trabalho mais sólido, com material de manipulação, artigos, livros, computadores, jogos educativos e curiosidades, um ambiente onde se possa “respirar” e agir de maneira coerente. Entra em cena a figura do professor, que estando motivado e capacitado, poderá ser capaz de fazer, em condições estruturais apropriadas, com que o aluno aprenda significativamente. O bom ensino ocorre quando a aprendizagem impulsiona o desenvolvimento.

Não basta apenas dominar conteúdos e depois tentar reproduzi-los em sala de aula, como se os alunos já tivessem compreendido de forma clara, os objetivos e a necessidade de trabalharem com determinado conteúdo de geografia.

Precisa-se entender que nossa sociedade continua em constante processo de transformação e que desta forma, professor e escola precisam entender estas modificações, que exigem do docente um repensar sobre o seu fazer em sala de aula, ou seja, a forma como abordar e conduzir sua prática diária, fundamentada teoricamente no modo como atuamos e compreendemos o processo de ensino e aprendizagem.

Tal forma de atuar, por parte do professor de Geografia, vai permitir que ao adentrar de forma mais consciente em relação ao processo de formação inicial, possa compreender e aplicar melhor os fundamentos teóricos do universo metodológico e didático em sua prática educacional, permitindo que possa atuar e enfrentar de forma mais consciente e segura diante dificuldades dos problemas educacionais atuais.

Preocupando-se apenas em reproduzir conteúdos e com o programa a ser ministrado, o professor não consegue dar continuidade às concepções teóricas do seu processo de formação inicial e, desta forma, passa a desacreditar que é preciso interligar a teoria com a prática. Ao romper com este ciclo vicioso e cômodo, o professor pode atuar como um pesquisador de sua práxis e desta forma terá melhores condições de encontrar possibilidades de intervir significativamente sobre sua realidade.

Efetivamente, é preciso “gostar do que se faz”, uma vez que “ensinar”, no seu sentido mais amplo, é muito mais do que transmitir conhecimentos; é necessário, sobretudo, (trans) formar cidadãos em sujeitos críticos na sociedade em que vivemos, que sejam capazes de compreender o meio em que estão inseridos.

A necessidade de compreender melhor a dinâmica própria da sala de aula é um desafio de todos os educadores, ao buscar compreender que nossa sociedade continua em seu processo de modificação e organização para que se alcance propostas metodológicas capazes de melhorar a qualidade do trabalho desenvolvido em sala de aula, para que professores e alunos atinjam uma relação significativa de ensino e aprendizagem.

O professor precisa, sobretudo, lutar por condições de trabalho que lhe permitam atuar em sua sala de aula como um membro reflexivo de sua prática, agindo como um pesquisador da atividade que está desenvolvendo junto aos seus alunos e não apenas como um mero objeto de pesquisas desenvolvidas por pesquisadores externos e que muitas vezes não são capazes de contribuir para mudar a prática destes professores.

#### **4. UM ESTUDO SOBRE OS ESTUDOS DA GEOGRAFIA**

O ensino de Geografia é tema de muitos estudos, no entanto, na prática, existe uma grande dificuldade de realizar as atividades propostas. Alguns professores atribuem essa dificuldade à falta de tempo, principalmente porque o plano de ensino é muito extenso e a carga horária na maioria das vezes não é suficiente, assim a utilização de novos métodos (nesse caso os recursos tecnológicos) poderia prejudicar o andamento da disciplina.

O uso das novas tecnologias no ensino da Geografia é um fator que requer muita atenção, pois a utilização das mesmas causa profundas modificações no processo de ensino-aprendizagem, e deve considerar-se que toda e qualquer mudança no âmbito do ensino deve ser analisada e estudada com cuidado.

Para atingir os objetivos e os resultados foi preciso analisar a percepção dos agentes envolvidos, tanto dos professores, quanto de seus alunos a respeito da utilização dos “novos” recursos didáticos nas aulas de Geografia. Também foi de fundamental importância manter um diálogo a respeito da relação professor-aluno, e da opinião do professor sobre a relevância da utilização desses recursos em suas aulas, pois existem professores que possuem uma didática excelente, capazes de proporcionar uma aula bastante atrativa, apenas com o uso do livro, quadro e giz, que por sua vez não deixam de ser recursos didáticos, dispensando assim, o uso dos “novos” recursos tecnológicos.

Para sistematizar a pesquisa, foram realizadas entrevistas com alunos e com os professores de Geografia. No questionário aplicado aos professores, foram utilizados os seguintes questionamentos:

- 1) Você utiliza os recursos tecnológicos disponíveis nesta escola?
- 2) Considera que o uso destes recursos melhora a qualidade da aprendizagem e o interesse dos alunos?
- 3) Seus alunos aprovam o uso dos recursos auxiliares nas aulas de Geografia?
- 4) Você considera que uma boa relação professor-aluno influencia na aplicação de novos métodos?
- 5) Quanto tempo de atuação em sala de aula você possui para desenvolver um trabalho diferenciado?

No questionário aplicado aos alunos foram utilizadas as seguintes questões:

- 1) Você considera que a aula fica mais atrativa com o uso de equipamentos tecnológicos como: computador, programas como *google-maps* e *Excel*, sites informativos, como revista *Veja*, *Folha Online*, *GI*, por exemplo?
- 2) Fica mais fácil aprender quando se usa esses recursos?
- 3) Você aprova o uso dos equipamentos auxiliares nas aulas de Geografia?
- 4) Seu professor utiliza os recursos tecnológicos disponíveis nesta unidade de ensino?
- 5) Como é a sua relação com seu professor de Geografia?

#### **4.1 SOBRE OS RESULTADOS**

As observações realizadas demonstraram que a relação professor-aluno é muito importante, pois ao tentar um novo método de ensino, o professor que não alimenta uma boa relação com seus alunos pode não ter sucesso na aplicação da nova proposta.

Quanto à relação dos professores com o material tecnológico, percebeu-se um aspecto interessante: o tempo de atuação em sala de aula. Os que possuem mais tempo de ensino, tendo se formado há mais de 15 ou 20 anos, os que possuem poucas horas-aula semanais, apresentam maior dificuldade em aceitar e/ou utilizar os novos recursos tecnológicos. Isso se deve pela sua pouca relação com esses equipamentos,

principalmente quando se trata do computador com internet, bem como em relação ao conteúdo que “deve ser trabalhado, deve ser cumprido”.

No que diz respeito à relação dos alunos com os recursos tecnológicos, a maior parte destes aprovaram, afirmando que “assim fica mais fácil aprender e que é muito difícil assistir as aulas monótonas”, baseadas apenas na leitura de texto e reprodução “mecânica” de conteúdos.

Já outras observações demonstraram que a utilização da sala de multimídia (e o acesso à internet) raramente ocorre, uma vez que o *data-show*, por exemplo, é um recurso que necessita de manutenção de alto custo e, por esse motivo, é tratado como “preciosidade” no ambiente escolar, sendo guardado em sala reservada e de acesso restrito, dificultando a remoção para a sala de aula. Outro fator que merece ser dito é que o colégio possui somente um aparelho de multimídia, dificultando, assim, o acesso de todos os professores (não só aos de geografia) ao recurso em questão.

No entanto, a escola já utiliza, mesmo que em baixa escala, a internet em sala de aula. Como afirmado anteriormente, a maior dificuldade é a utilização do computador ligado à internet que normalmente fica numa sala definida para tal (e do *data-show* durante as aulas na própria classe). Este recurso é considerado por alguns dos professores entrevistados como inviáveis, pois “a instalação ocupa muito tempo da aula”.

Mesmo com todas essas dificuldades encontradas na inserção das novas tecnologias na escola, ainda se vê necessária essa adaptação, pois quanto mais rápido as inovações transformam a sociedade, o ambiente escolar se torna cada vez mais monótono e pouco atrativo.

Verifique-se o que Ligouri afirma acerca da temática:

A escola, na sociedade atual, perdeu o papel hegemônico de transmissão e distribuição do conhecimento. Hoje os meios de comunicação, especialmente o rádio e a televisão, ao alcance da maioria da população, apresentam de um modo atrativo informação abundante e variada. As crianças e os adolescentes – predominantemente nas regiões mais desenvolvidas – interagem cotidianamente com os novos sistemas de comunicação (televisão, jogos eletrônicos, etc.), [...] Chegam à escola com um abundante capital de conhecimentos, concepções ideológicas e pré-conceitos sobre os diferentes âmbitos da realidade (LIGOURI, 1997. p. 85).

Com base nessa afirmação percebe-se a importância da inclusão dos meios de comunicação na escola. Em vista disso, para utilizar recursos como TV e DVD em sala de aula ou computador nos laboratórios de informática, é preciso que o professor

planeje bem a aula e também que tenha conhecimento da forma mais apropriada dessa aplicação. Sobre isso, Kenski afirma que:

Com o mesmo cuidado com que o professor planeja a sua aula e seleciona os textos e autores mais adequados para serem lidos pelos alunos, também devem selecionar os programas e os vídeos apropriados, para explorá-los didaticamente em sala de aula. Como ferramentas auxiliares do professor, esses recursos não funcionam por si sós. [...] É preciso também que a exibição do vídeo seja enriquecida com atividades orientadas, definidas previamente, complementadas com conversas e discussões amplas sobre o tema, após sua apresentação. (KENSKI, 2006, p. 236).

Para trabalhar com as novas tecnologias na educação é necessário um grande esforço por parte de todo o conjunto que forma a instituição de ensino. Isto é, o apoio, a colaboração e o incentivo da unidade de ensino e principalmente, o esforço do professor, pois ele será o responsável por se adequar à nova didática e pela procura da forma mais conveniente da utilização destes novos métodos para que essa atividade traga benefícios para a educação e, sobretudo, para o ensino de Geografia.

Desse modo, a didática e a criatividade do professor é algo muito relevante para que se promova a correta utilização dos recursos tecnológicos.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por meio das entrevistas com alguns professores de Geografia do nível médio percebeu-se que uma das maiores dificuldades encontradas pela maioria deles é a falta de tempo para a utilização dos equipamentos auxiliares; alguns alegam que levaria tempo para instalar equipamentos como um computador conectado à internet e ligado a um data-show e com essa demora seria perdido muito tempo da aula. A instalação de uma sala específica de multimídia na escola poderia diminuir essa dificuldade. É necessário observar que essa alegação feita pelo professor pode ser apenas uma forma de evitar o uso dos equipamentos disponíveis na instituição de ensino. Outra alegação do professor é que os alunos se dispersam muito quando se utiliza, por exemplo: filmes ou quando se utiliza o laboratório de informática. Esse problema deve ser sanado com a capacidade de controle e persuasão da turma por parte do educador.

É preciso levar em consideração, ao promover a aplicação destas novas técnicas em sala de aula, que o surgimento de novidades não significa que se devam abandonar

as técnicas anteriores. Ou seja, o fato da utilização do computador com internet e o data-show não descarta o uso do livro didático.

Conclui-se, desse modo, que a internet ainda é um recurso pouco utilizado pelo professor de Geografia do Ensino Médio do Colégio Alice Coutinho, mas apresenta inúmeras opções de pesquisa e aprendizagem que podem tornar as aulas mais interessantes e significativas, onde o professor de Geografia terá ao seu dispor inúmeros recursos visuais e informativos e os alunos terão um contato mais próximo com a realidade das informações transmitidas em sala de aula.

## RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo discutir algunas alternativas del uso de internet como recurso didáctico en las clases de Geografía en el bachillerato. Para ello, realizamos una encuesta en el Colegio Alice Coutinho, en Campina Grande – PB. También fueron entrevistados profesores involucrados en el análisis, como investigado el interés de los alumnos con relación a las nuevas tecnologías durante las clases. Concluimos, de esta manera, que la internet aún es un recurso poco utilizado por el profesor de Geografía del referido colegio, pero que presenta innúmeras opciones de investigación y aprendizaje que pueden tornar las clases más agradables y significativas. Utilizamos como aporte teórico las referencias de CALLAI (2001), CLAVAL (2010), KENSKI (1996), LIBÂNEO (2008), LIGOURI (1997), SANTOS (2008), VESENTINI (2004) E VESENTINI (1989). Tal estudio se justifica para entender que la Geografía necesita ser trabajada de manera más dinámica y llamativa, y así mostrar perspectivas que puedan encaminar la buena enseñanza de Geografía.

**Palabras clave:** Geografía; enseñanza; internet.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLAI, Helena Copetti. **A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino?** (p.133-152). In: Terra Livre, n.16 (Paradigmas da Geografia, Parte I). São Paulo: AGB, 1º semestre 2001.

CLAVAL, Paul. **Terra dos Homens: a geografia**. Trad. Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.

KENSKI, Vani Moreira. **O ensino e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologias**. In: **Didática: o ensino e suas relações** VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). – Campinas, SP: Papyrus, 1996, 10 ed. – (Coleção Magistério Formação e Trabalho Pedagógico). p. 127-147.

LIBÂNEO, J. C. **Didática** – São Paulo. SP: Cortez 2008. 28ª impressão (Coleção Magistério. Série formação de professores)

LIGOURI, Laura M. **As Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação no Campo dos Velhos Problemas e Desafios Educacionais.** In: **Tecnologia Educacional, Política, Histórias e Propostas.** LITWIN, Edith (org.) – Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 78-97.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 17ª ed., 2008.

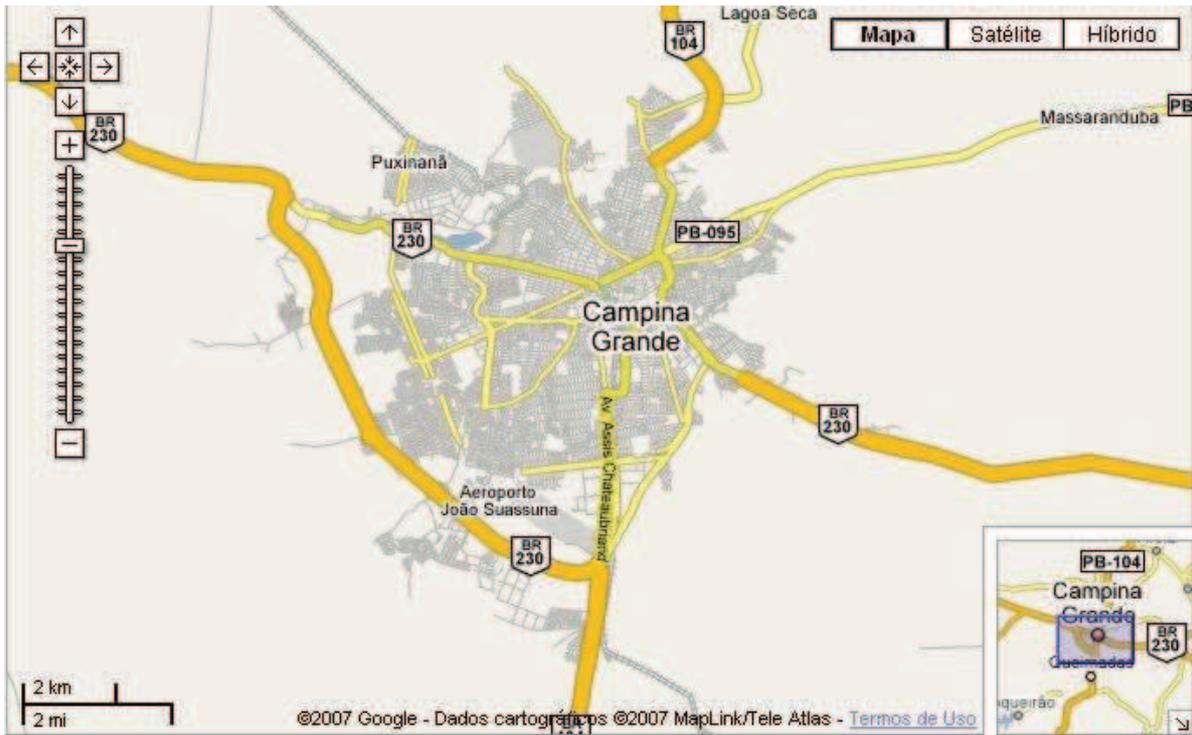
VESENTINI, José William. (org). **O ensino de geografia no século XXI.** Campinas, SP: Papyrus, 2004.

VESENTINI, José William. (org). **Geografia e ensino: Textos críticos.** Campinas. SP: Papyrus, 1989.

## 7. ANEXOS



O bairro Três Irmãs é onde se situa o referido colégio.



Cidade de Campina Grande (Google Maps)

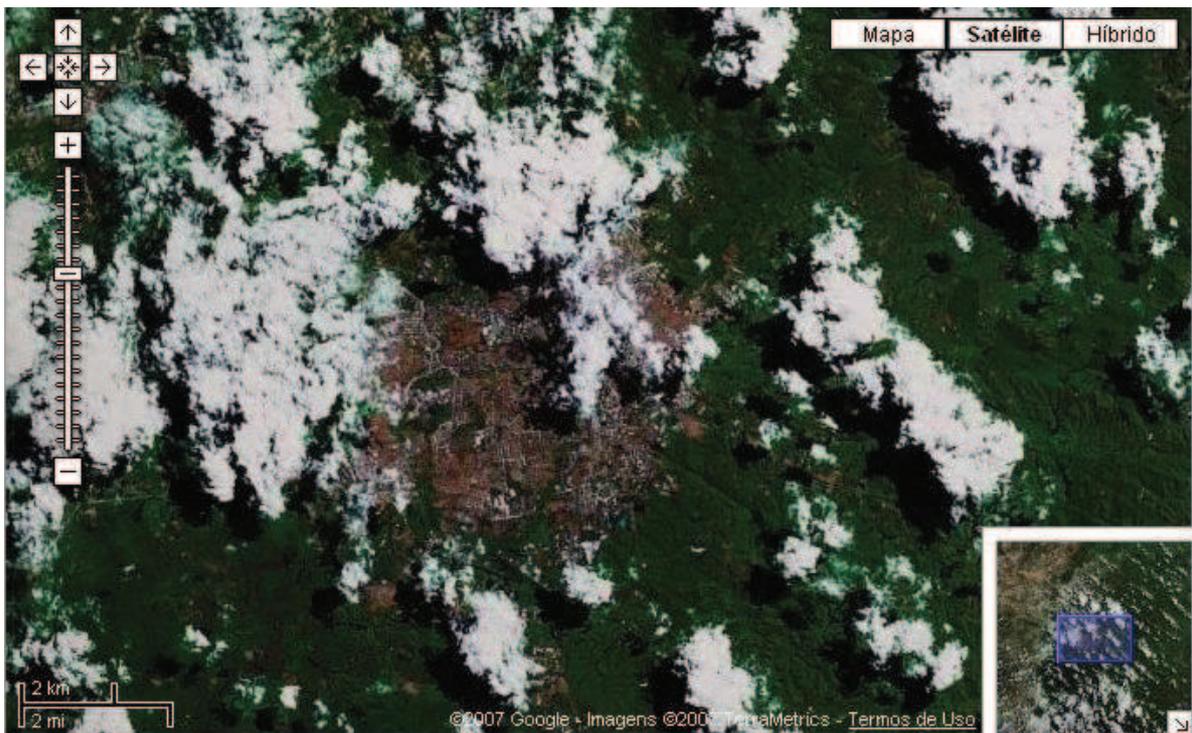


Imagem de Satélite da cidade de Campina Grande (Google Earth)